

Bolsa cai mais de 2% e fecha no menor patamar em oito meses após novas críticas de Lula ao BC

Bolsa cai mais de 2% e dólar sobe em meio a crise com BC

Um dia após a manutenção da Selic em 13,75%, presidente Lula disse que Senado é quem tem que "cuidar" de Campos Neto

As críticas do governo federal ao Banco Central (BC) fizeram o mercado financeiro ter um dia de nervosismo ontem. A bolsa de valores caiu mais de 2% e fechou no menor nível desde julho. O dólar chegou a iniciar o dia em baixa, mas reverteu o movimento e aproximou-se de R\$ 5,30.

O índice Ibovespa, da B3, encerrou a quinta-feira aos 97.926 pontos, com queda de 2,29%. O indicador chegou a subir no início das negociações, mas passou a cair ainda durante a manhã e intensificou a queda durante a tarde, após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva dizer que a taxa Selic (juro básico da economia) em 13,75% ao ano "não tem explicação" e que o Senado "terá de cuidar" de Roberto Campos Neto, presidente do BC.

Esta foi a primeira vez em oito meses que o Ibovespa fechou abaixo de 100 mil pontos. O indicador está no menor nível desde 19 de julho do ano passado. A bolsa brasileira destoou do mercado externo. Ontem, as bolsas norte-americanas subiram após a secretária do Tesouro dos Estados Unidos, Janet Yellen, prometer medidas para garantir os depósitos em bancos dos cidadãos norte-americanos.

No mercado de câmbio, o dia também foi marcado pela tensão. O dólar comercial fechou o dia vendido a R\$ 5,2895, com alta de 1,01%. A cotação iniciou o dia em queda, com a moeda norte-americana negociada a R\$ 5,20, mas passou a disparar ainda durante a manhã. A moeda norte-americana está no maior valor desde o último dia 15, quando tinha fechado a R\$ 5,294.

Tensão

A reação do mercado ocorreu num momento de tensão entre o governo federal e o BC. Na quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa Selic em 13,75% ao ano, o que acentuou as críticas. Para o governo, o juro está barrando a retomada econômica.

Lula afirmou ontem que a história julgaria a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do BC, de manter a Selic no atual



Autoridade monetária voltou a ser alvo de críticas do governo federal

patamar. O presidente disse que a medida "não tem explicação nenhuma no mundo" e que Campos Neto, "tem de cumprir a lei". Também sugeriu que o Senado é quem tem de "cuidar" do chefe da autoridade monetária.

– Não tem explicação nenhuma no mundo a taxa de juros estar a 13,75% ao ano. Quem tem de cuidar do Campos Neto é o Senado que o indicou. Ele (Roberto Campos Neto) não foi eleito pelo povo. Não foi indicado pelo presidente. Foi indicado pelo Senado – disse Lula.

Emprego

Segundo o presidente, Campos Neto "só tem de cumprir a lei, que estabeleceu a autonomia do Banco Central".

– Quando eu tinha o ex-presidente do BC Henrique Meirelles, que foi um indicado meu, eu conversava com o Meirelles. Se esse cidadão Campos Neto quiser, ele nem precisa conversar comigo. Ele só tem de cumprir a lei, que estabeleceu a autonomia do Banco Central. Ele precisa cuidar da política monetária, mas ele precisa cuidar também do emprego, cuidar da inflação e cuidar da renda do povo. Todo mundo sabe que ele não está fazendo isso. Se ele estivesse fazendo, eu não estava reclamando – afirmou Lula.

Menor índice dos últimos oito meses

Após ter estacionado no nível de 100 mil pontos nas três sessões anteriores, o Ibovespa tomou o elevador e desceu quatro andares, em sentido contrário ao de Nova York, ontem, tocando no pior momento os 96 mil pontos, a 96.996,84 (-3,22%), em patamar não visto no intradía desde 19 de julho passado (96.917,30). Ao fim, a referência da B3 mostrava ontem queda de 2,29%, aos 97.926,34 pontos.

Sem estimular apetite por risco, o Ibovespa passou a tarde renovando mínimas, sem exceções entre as ações de maior peso no índice – e buscando novos pisos à medida que os índices de Nova York foram perdendo força, com Dow Jones e S&P 500 levemente em baixa em parte da tarde, mas não no fechamento (ao fim, Dow Jones subiu +0,23%, S&P 500, +0,30%, e Nasdaq, +1,01%).

No Brasil, as ações de commodities embicaram para baixo (Vale ON a -2,57%, Petrobras ON a -1,96% e PN a -2,27%), em sessão negativa também para os preços do minério e do petróleo, enquanto as perdas entre as ações de grandes bancos chegaram a

3,46% (Bradesco PN) no encerramento.

– A manutenção da Selic ontem (quarta-feira) à noite já era esperada, mas o que causou aversão a risco hoje (ontem) foi o comunicado, o tom mais conservador do Copom, na medida em que havia certo otimismo, expectativa de que o BC poderia dar indicação quanto à possibilidade de antecipar o ciclo de redução da taxa de juros, até pelos problemas no sistema bancário dos EUA, que resultaram em tom mais leve na comunicação do Federal Reserve, ontem (quarta), na decisão sobre juros por lá – diz Paulo Luives, especialista da Valor Investimentos.

Decisão

No comunicado divulgado após a reunião de quarta-feira, o Copom não fez acenos para corte no juro e apontou ambiente externo deteriorado, destacando a crise envolvendo bancos nos EUA e Europa. No cenário doméstico, afirmou que a inflação "segue acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta". O juro está no mesmo patamar desde agosto de 2022.

Lira associa juro a nova regra fiscal

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), disse ontem que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central só terá instrumentos para indicar possível baixa na taxa básica de juros após o anúncio do novo arcabouço fiscal que será apresentado pelo Ministério da Fazenda.

O deputado afirmou que a autoridade monetária não pode se guiar por um texto de regra fiscal que ainda nem é público.

– Quando você faz análise econômica, técnica, o Copom não pode ficar longe da meta de inflação. Se a meta de inflação está longe, está distante da régua, e ele baixa os juros, a gente corre o risco de ter processo inflacionário. E o processo inflacionário custa muito mais caro que o efeito danoso do aumento dos juros – afirmou Lira.

Ao comentar o arcabouço fiscal, o deputado voltou a elogiar o titular da Fazenda, Fernando Haddad. O ministro, segundo ele, tem agido com "muita coerência" e tem o respaldo da Câmara em relação ao texto da regra que substituirá o atual teto de gastos.

Interlocução

Lira e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), "receberam bem" as linhas gerais do arcabouço mostradas a eles por Haddad. Na proposta, havia gatilhos para que o gasto público tenha um perfil "anticíclico" e para que possa haver crescimento de despesas em momentos de desaceleração econômica. Esses gatilhos estariam atrelados à arrecadação.

No dia 16, o ministro da Fazenda já havia se reunido com Lira para tratar da regra fiscal. Logo depois do encontro, em entrevista à GloboNews, o presidente da Câmara elogiou a interlocução de Haddad com o Congresso. De acordo com interlocutores, Lira vê em Haddad o único integrante do governo que entende o contexto político atual, de polarização do país.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS**Seção: Mercado Financeiro Pagina: 13**